MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
9 de Janeiro de 2018

**I.**
**Presidente francês considera impossível adesão de Turquia à União Europeia. Devemos abandonar a hipocrisia, disse Emmanuel Macron durante a vista do chefe de Estado turco a Paris.**

**Portugal é dos países europeus onde se passa mais frio em casa. Neste programa olhamos para as estatísticas da Eurostat, que revelam que 22,5 por cento dos portugueses não conseguem manter a casa quente de forma adequada.**

**Ainda nesta edição: União Europeia repudia aprovação de pena de morte em Israel a condenados por terrorismo.**

**II.**

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Foi uma conferência de imprensa com vários momentos de tensão. E com o presidente turco Tayyip Erdogan e o presidente francês Emmanuel Macron a revelarem o que separa e o que une as duas nações.

O líder francês salientou que perante as recentes evoluções no campo dos direitos humanos, a adesão à União Europeia não é possível.

**Emmanuel Macron, Presidente de França**
*No que diz respeito às relações com a União Europeia, é claro que os recentes desenvolvimentos e escolhas não permitem qualquer avanço do processo de entendimento. Tivemos uma conversa muito franca sobre esta questão, mas é evidente que devemos abandonar uma hipocrisia que consistiria em pensar que é possível uma progressão natural para a abertura de novos capítulos, o que não é verdade.*

Erdogan esteve no final da semana passada, pela primeira vez, em Paris desde o golpe falhado de 2016 na Turquia.
Nesta mesma conferência de imprensa, o líder mostrou-se incomodado quando um jornalista francês lhe perguntou sobre uma eventual cumplicidade das autoridades turcas com o Estado Islâmico. Erdogan deixou ainda um alerta.

**Tayyip Erdogan, Presidente da Turquia**
*Há os chamados guardiões do terror e dos terroristas. Estes guardiões são pensadores, escrevem nos jornais, são os ideólogos*

*que contribuem para o terrorismo. Um dia, vocês vão ver. Estas pessoas vão aparecer à vossa porta como terroristas.*

Esta foi uma clara referência de Erdogan ao clérigo Fethullah Gülen, que está exilado nos EUA e que o líder de Ancara acusa de ter inspirado a tentativa de golpe de Estado na Turquia em 2016.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, Emmanuel Macron disse aquilo que a União Europeia queria dizer há muito tempo?
*Eu penso que sim. A opinião pública europeia não é favorável à adesão da Turquia à União Europeia. Eu vi neste fim-de-semana um inquérito feito por um grande jornal belga e milhares de pessoas foram entrevistadas nesse inquérito - mais de 16 mil pessoas - e dessas, 94% disseram que não querem a Turquia na União Europeia. E esse é muito o sentimento que existe através de toda a Europa. Aliás, só isso explica o facto de que as negociações já duram há 54 anos, e 54 anos depois não há qualquer tipo de progresso e não se vê no horizonte a data possível da adesão da Turquia à União Europeia.*

Aliás, Macron acabou mesmo por criticar a ambiguidade de Bruxelas em todo este processo das negociações. O francês sugeriu uma forma de cooperação, uma espécie de parceria para garantir a ligação da Turquia e do povo turco com a Europa. Como é que se antevê a relação entre a Turquia e a UE durante este futuro próximo?
*A palavra ambiguidade que acabaste de mencionar parece-me ser uma palavra importante. Na verdade, a Europa tem mantido e quer manter uma relação relativamente ambígua com a Turquia. A Turquia é um vizinho muito grande, mas um vizinho incómodo. É um vizinho que nos faz falta, que é preciso para controlar, por exemplo, os fluxos migratórios vindos do Médio Oriente, que é fundamental também em termos de ser um parceiro naquela parte da geopolítica europeia, que é o Médio Oriente, mas por outro lado é um vizinho que não se quer ver muito próximo das nossas casas. E, por isso, se tem mantido esta situação de ambiguidade. Agora, no seguimento das declarações de Emmanuel Macron fala-se num acordo de parceria, ou seja, a Turquia ficaria de fora, mas teria relações económicas muito próximas e muito privilegiadas com a União Europeia. É uma espécie de meia adesão sem no entanto fazer parte do clube e sem no entanto permitir, por exemplo, que haja livre circulação das pessoas, ou seja, um dos grandes receios dos países europeus é que uma parte da população da Turquia*

*procure emigrar para a Europa, para uma Europa que já tem muita emigração, que já tem muitos turcos, porque nos anos 60 e nos anos 70 houve grandes movimentos migratórios da Turquia em relação à Europa e as pessoas não querem novamente assistir a esse tipo de migrações.*

Mas Victor, não é a Alemanha um caso de sucesso da integração turca no espaço europeu?
*A Alemanha tem uma grande proporção dos emigrantes turcos que vivem na Europa, é verdade, e muitos deles integraram-se perfeitamente. Alguns deles ocupam lugares muito importantes na sociedade e na vida política alemã. Mas também é verdade que uma parte da opinião pública alemã ficou surpreendida quando viu que muitos destes turcos que vivem há dezenas e dezenas de anos - e alguns deles já são de segunda ou terceira geração – na Alemanha, muitos deles quando se tratou de apoiar o presidente da Turquia Erdogan, eles apoiaram claramente e em certa medida contra a política que a Alemanha tentava promover em relação à Turquia que era uma política de maior abertura e de maior democracia.*

Por outro lado, esta visita, esta operação de charme, revela alguma vontade de Tayyip Erdogan de se aproximar da UE...
*O fundamental é reconhecer que a Turquia neste momento pensa que está muito isolada em relação à União Europeia, neste momento a Turquia também tem muitas dificuldades no seu relacionamento com os Estados Unidos, tem havido imensos conflitos políticos e até militares entre a Turquia e os Estados Unidos, nomeadamente no que diz respeito à posição em relação à Síria, no que diz respeito ao apoio aos curdos, no que diz respeito à compra de armamento turco aos russos, uma questão que foi vista com muito maus olhos em Washington e, por isso, é que a Turquia está nesta altura, neste início de ano a tentar fazer uma ofensiva de charme em relação à Europa.*

**III.**

**Portugal é o quinto país da União Europeia que apresenta mais dificuldade em aquecer a casa. Quase 23 por cento das famílias sofrem de pobreza térmica. Mais com a jornalista Sofia Jesus.**

Bulgária, Lituânia, Grécia e Chipre. Estes são os países da União Europeia que sofrem mais de pobreza térmica, ou seja, situações em que as famílias não conseguem manter a casa quente de forma adequada.
Portugal está em quinto lugar, segundo dados divulgados na semana passada pela Eurostat.

Os números, referentes a 2016, revelam que 22,5% das famílias portuguesas não têm condições financeiras para manter o lar aquecido. A situação explica-se com o preço da electricidade - uma dos mais caras da Europa- e também com as casas mal preparadas para o Inverno.
A média europeia cifra-se em 8,7 por cento. A Bulgária que apresenta os piores resultados, tem 39,2 por cento de famílias que não conseguem fazer frente ao frio.
Já com menos de dois por cento de famílias nesta situação estão o Luxemburgo e Finlândia, países onde há mais pessoas com poder económico para aquecer devidamente a casa.

Estas recorrentes vagas de frio não deveriam obrigar a uma revisão das regras de construção habitacional em países como Portugal?
*Eu penso que sim, penso que há questões relacionadas com as casas, com a eficiência do isolamento das habitações, também há questões relacionadas com uma certa anarquia urbanista que existe em Portugal, com famílias a construir varandas de alumínio muito baratas de qualquer modo nas suas casas, e varandas essas que não permitem isolar o frio. Mas também - e esse é sobretudo o problema em Portugal - é que os rendimentos das famílias são muito baixos, a energia custa caro. Aliás, em Portugal nós temos neste momento uma electricidade que é uma das mais caras da Europa. Não pelo facto da electricidade propriamente dita ser cara, mas pelo facto de os governos sucessivos em Portugal terem ligado ao valor da electricidade toda uma série de taxas e de taxinhas que tornam a factura energética muito elevada para os portugueses.*

Apesar do quinto pior resultado da União Europeia, a situação de Portugal melhorou face aos últimos anos. Em 2006 Portugal chegou aos 39,9 por cento. O que é que levou a esta melhoria?
*Entre 2006 e 2016 houve um aumento do nível de vida das pessoas e mais famílias passaram a ter melhores condições de habitação e sobretudo mais rendimentos para poderem aquecer as suas casas durante o Inverno. Eu lembro-me aqui há 10, 15 anos, quando eu ia a Portugal no Inverno, eu passava muito frio quando ia visitar as pessoas, quando ia visitar a família, quando ia visitar amigos. Hoje em dia já é mais fácil, já é mais tentador ir a Portugal durante o Natal ou durante o Inverno, na medida em que muitos dos meus amigos já têm a casa mais aquecida do que tinham no passado. Há aqui um indicador empírico que mostra que se vive hoje melhor do que se vivia há 15 ou 20 anos.*

Em Espanha, 10,1 por cento das famílias não conseguem aquecer a casa adequadamente. Como é que se explica que o país vizinho apresente valores superiores a Portugal?

*Em Espanha existe um plano de combate à pobreza energética. O governo espanhol tem sido muito activo no sentido de apoiar as famílias mais necessitadas em termos de ajuda financeira, em termos de identificação dos casos mais vulneráveis. As dívidas energéticas das famílias são escalonadas ao longo do ano, permitem evitar aquela situação em que de repente em Dezembro ou em Janeiro ou em Fevereiro as contas da electricidade ou as contas do gás são muito elevadas, por isso tudo isso é escalonado ao longo do ano. Por outro lado, há uma política clara e muito pró-activa em Espanha que impede os cortes de fornecimento de electricidade e de gás às famílias, sobretudo às famílias mais pobres. Tem também havido nos últimos anos um grande esforço no sentido da eficiência energética das habitações, ou seja, o governo espanhol tem investido imenso no sentido de conceder créditos às famílias, para que essas famílias possam melhorar por exemplo as janelas, possam melhorar as portas, possam melhorar os telhados, de modo a que o frio não entre dentro de casa.*

**IV.**

**A União Europeia repudiou a aprovação da pena de morte em Israel a condenados por terrorismo. Para o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu trata-se de fazer justiça perante casos extremos, como nos conta a jornalista Marta Melo.**

A Câmara dos Deputados de Israel aprovou um projecto de lei que vai permitir aplicar preliminarmente a pena de morte a condenados por terrorismo. A proposta passou por pouco: com 52 votos a favor e 49 contra.
O projecto de lei foi apresentado pelo partido do ministro da defesa, Avigdor Lieberman, e apoiado pelo primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu.
O ministro afirmou durante o debate que a nova lei poderá funcionar como um meio de dissuasão poderoso contra terroristas Para Netanyahu, que estava presente na votação, trata-se de fazer justiça perante casos extremos.
Entretanto, a União Europeia já reagiu, manifestando desagrado. Numa conferência de imprensa, o porta-voz da união europeia, Carlos Gordejuela disse que Bruxelas se opõe à pena de morte em todas as circunstâncias e sem excepção e que a tendência mundial é para a abolição da pena capital.

Victor, depois do episódio de Jerusalém, que partiu de Donald Trump, e que a União Europeia reagiu dizendo que não reconhece Jerusalém como capital israelita, esta é a segunda vez em pouco tempo que Bruxelas está numa posição de confrontação com Israel.

Que análise é que se pode fazer da actual relação entre a União Europeia e Israel.
*Ao nível económico as relações são bastante boas. Há todo uma série de acordos comerciais entre o espaço europeu e Israel que permitem aos produtos vindos de Israel entrar na Europa – nomeadamente os produtos industriais – praticamente sem nenhuma taxa. Mas do ponto de vista político as relações são muito tensas. Israel vê a União Europeia como muito próxima das posições palestinianas.*
*Neste momento as grandes preocupações aqui na Europa em relação a Israel são as seguintes: por um lado, procura-se evitar que haja uma divisão entre os países europeus, uns que sejam a favor da posição de Donald Trump, ou seja, evitar que haja países que reconheçam Jerusalém como capital do estado israelita - e falava-se em dois ou três países que poderiam ter o mesmo tipo de posição do que aquela que foi anunciada por Washington. A segunda grande questão é de facto essa questão da pena de morte. Para a Europa a pena capital é uma questão fundamental e normalmente a União Europeia tem relações muito difíceis com países que aplicam a pena de morte e a terceira grande questão aqui na Europa é saber como se poderá aumentar a capacidade política de intervenção da União Europeia de modo a ter um papel mais efectivo no processo de paz no Médio Oriente, um papel mais efectivo que até agora tem faltado à Europa.*

E que leitura é que se pode fazer desta iniciativa israelita?
*Há aqui duas questões, uma delas é que Israel está a aumentar a pressão sobre os palestinianos – e esta é uma maneira de aumentar essa pressão. E a segunda questão é que Israel procura, nomeadamente em relação à Europa, afirmar-se politicamente para obrigar a Europa a definir-se. E sobretudo, eu penso que Israel continua a apostar numa divisão que possa existir dentro da União Europeia entre países mais favoráveis à posição de Israel e países menos favoráveis. Israel olha nomeadamente para a Europa Oriental com uma maneira de ver que pensa que aí poderia existir algum apoio às posições de Israel e às posições americanas, por várias razões, até por razões históricas. Estes países da Europa Oriental foram países que tiveram grandes colónias judaicas, colónias essas que foram exterminadas durante a II Guerra Mundial, por isso há um certo sentimento de culpa ao nível desses países e a partir desse sentimento de culpa, os israelitas procuram transformá-lo num sentimento de remorso e de apoio.*

**V.**

Victor Ângelo, connosco todas as semanas aqui no Magazine Europa.

E para a nossa sugestão cultural de hoje viajamos até Paris. O Museu do Louvre abriu duas salas novas que têm em exposição 31 obras que foram pilhadas pelo regime nazi.
Entre 1940 e 1945 perto de cem mil peças de arte foram roubadas em França e transferidas para a Alemanha. Muitas delas estavam destinadas a alimentar o acervo do Museu de Hitler – o Führermuseum em Linz, na Áustria. Um projecto que nunca viu a luz do dia.

Hoje ficamos por aqui. Até para a semana.

**[ficha técnica]**

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.